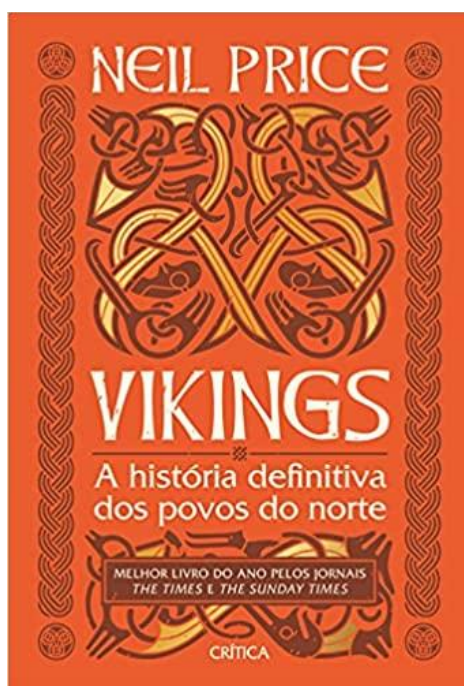


DESCONSTRUINDO A FIGURA MIDIÁTICA DO NÓRDICO

DECONSTRUCTING THE NORDIC MEDIA FIGURE



PRICE, Neil. *Vikings: A história definitiva dos povos do norte*; tradução: Renato Marques de Oliveira. São Paulo; Editora planeta do Brasil, 2021.

Guilherme Garcia Galego¹

A obra a ser analisada a seguir se trata do mais novo livro do arqueólogo Neil Price – *Vikings: A história definitiva dos povos do norte* –, publicado em português pela editora Crítica em outubro de 2021; durante a obra, o autor busca desconstruir os clichês e estereótipos envolvidos na criação midiática da figura do Viking, que, muitas vezes, acabam passando por cima da verdadeira essência desses povos do Norte.

A estrutura do livro é dividida em um prólogo, uma introdução, três blocos centrais, um pequeno epílogo e uma ampla lista de referências bibliográficas a serem exploradas pelos

¹ Mestrando do Programa de Pós Graduação de História e Espaços da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Membro do Núcleo de Estudos Vikings e Escandinavos (NEVE). Contato: guih.galego@hotmail.com Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8575-9109>

leitores. A estruturação do livro é feita apresentando uma linguagem de fácil compreensão e a utilização de imagens para auxiliar o entendimento do conteúdo desenvolvido; inicialmente, apresentarei as ideias enunciadas no prólogo e na introdução do autor e, posteriormente, buscarei expor as ideias centrais de cada bloco, destacando os temas principais e salientando a importância que esta obra traz na concepção do mundo Viking e na quebra de paradigmas e ideias generalizadas criadas a posteriori sobre esses povos nórdicos.

Dando início ao trabalho, em seu prólogo, o autor busca demonstrar o papel considerável que os povos nórdicos tiveram na transformação política e cultural da Europa, por meio de uma reconfiguração provinda da exportação de novas ideias, tecnologias, crenças e práticas por todas as terras que descobriam e por meio do contato com os povos que encontraram; gostaria de salientar como o contato com outros povos foi responsável por uma grande hibridização dos povos do norte, apresentando modificações em todo o seu modo de vida, que seriam acentuadas posteriormente com a cristianização e a mudança na visão de mundo provinda desse processo.

Em sua introdução, Neil Price inicialmente busca esclarecer o significado e a utilização correta do termo “viking”; o autor demonstra que a palavra *vikingr* era conhecida pelos escandinavos dos séculos VIII ao XI, mas era utilizada com o sentido de “pirata” ou “saqueador”, dessa forma, sendo definida como uma atividade ou um certo tipo de ocupação e não como uma identidade a ser definida por toda uma cultura em comum. Outro ponto que o autor salienta em sua introdução seria o aumento gradativo e substancial observado no fluxo e na escala da pirataria marítima a partir do ano de 750, que levou às campanhas militares nórdicas dos séculos IX e X e seu papel muito importante na configuração das estruturas políticas da Europa Ocidental.²

Ademais, Price infere sobre a dificuldade do estudo da Era Viking por meio de fontes escritas, haja visto, que a cultura da Escandinávia nesse período era predominantemente oral; a partir disso, o autor apresenta a noção de que a cultura dos povos nórdicos é o que pode ser

² A partir dessa proposição que o autor situa a validade genuína de Era Viking, haja visto, seus movimentos de colonização, comércio e exploração, que possibilitaram o contato com cerca de quarenta países atuais e cerca de cinquenta culturas diferentes.

chamado de proto-histórica³, na medida em que sua “história” é fruto de interpretações escritas por seus contemporâneos estrangeiros.⁴

Seu primeiro bloco é intitulado *A Criação De Midgard* e é composto por oito capítulos, onde vão ser trabalhados o senso de identidade dos vikings, delineando os contornos das paisagens do território e da mentalidade dos povos nórdicos, buscando analisar as noções de pessoalidade, gênero e lugar do indivíduo nas muitas dimensões do cosmo e a convivência com os outros seres, com os quais os povos nórdicos compartilhavam seus espaços.

Um dos temas centrais que podemos destacar do bloco inicial seria a sintetização que Price faz da essência da espiritualidade nórdica sobre o conceito de “religioleto”⁵; esses homens apresentavam uma cultura politeísta e estavam familiarizados a dividirem o mundo com seus deuses, espíritos e criaturas, que eram tidos como uma parte natural e tangível do mundo⁶.

Outro ponto que interessante salientar seria como se deu o passado dos povos nórdicos e os acontecimentos que levaram a estruturação da sociedade escandinava observada na Era Viking.

Price demonstra como a desestruturação do Império Romano do Ocidente gerou uma instabilidade muito grande em toda a Europa, dando lugar a um período de mudanças e oportunidades, que ficou conhecido pelos arqueólogos como Período de Migração;

³ Essa noção proto-histórica seria responsável pela criação de muitos dos estereótipos modernos depositados na figura dos povos nórdicos., por ter sido fruto de sociedades exteriores que, muitas vezes, entraram em contato com a brutalidade dos povos nórdicos durante seu período de expansão.

⁴ Grande parte da documentação produzida sobre os povos nórdicos é fruto de anais de corte, provindo das dinastias que reinavam a Europa Ocidental e das demais culturas que estavam em contato com os povos do norte; o autor cita exemplos de documentos provindo do Império Franco, Império Germânico, manuscritos provindos da Inglaterra, do califado de Córdoba e do Império Bizantino.

⁵ A religiosidade nórdica pré-cristã apresenta uma grande heterogeneidade, sendo demonstrada em uma variedade de religioletos, com suas próprias especificidades, nas quais tipos específicos de expressão espiritual eram evocados em determinados lugares ou situações sociais.

⁶ O autor demonstra, novamente buscando desconstruir estereótipos relacionados a suposta identidade Viking, como, no dia a dia dessas populações, as crenças e os cultos ligados às criaturas – elfos, anões, dísir, espíritos ligados aos elementos, dentro outros – ocupavam um espaço muito maior na mentalidade dessas pessoas do que as próprias crenças e cultos ligados diretamente aos deuses, que, muitas vezes, aconteciam em cerimônias e rituais maiores e com um cunho regional, desvinculando a ideia da presença direta dos deuses no dia a dia dessas populações.

perpassando do século V até meados do século VI e sendo muito marcado por crises prolongadas e de longo alcance, que se uniram a um terrível desastre climático, o Período de Migração é marcado assim por uma grande mortandade no Norte e intensificação das migrações que, posteriormente, levariam à reestruturação de comunidades organizadas e da criação de novas estruturas de poder.⁷

Ademais, podemos citar o papel que a escravidão tinha na sociedade nórdica pré-cristã; mesmo sendo instituída milhares de anos antes da Era Viking, esse sistema passa por um processo drástico de mudança, haja visto, que esse seria o primeiro período em que vemos os povos escandinavos começarem a fazer da aquisição ativa de bens móveis humanos uma parte fundamental de sua economia.⁸

O segundo bloco de sua obra – *O Fenômeno Viking* – é constituído por cinco capítulos, nos quais Neil Price parte do início do século VIII, percorrendo um longo caminho na busca pelos principais acontecimentos sociopolíticos e fatores demográficos que se combinaram na formação do próprio fenômeno viking, salientando o aumento do conflito entre os pequenos reinos da Escandinávia durante o final da Idade do Ferro como um incentivo para essas populações na procura de riquezas no exterior, por meio da expansão de sua frota marítima e pela oportunidade do comércio externo a partir das incursões.

Ademais, devemos destacar como ao longo do início IX, as incursões foram se intensificando em tamanho e grau de ocorrência, chegando a serem relacionadas com um evento maior denominado Diáspora Viking, gerador de um grande acúmulo de riqueza e poder, que seriam os responsáveis por levar até mesmo a certas relações de aliança entre os

⁷ Especificamente a ascensão de elites militarizadas, formadoras dos pequenos reinos escandinavos, que seriam encarregados do preenchimento do vácuo de poder deixado pela queda do Império Romano e dariam origem aos povos posteriormente observados na Era Viking.

⁸ A escravidão é tida como um dos principais objetivos das invasões e campanhas militares vikings, levando a um aumento maciço no número de pessoas escravizadas em toda a Escandinávia. Podemos considerar que os povos nórdicos da Era Viking não eram apenas escravistas, devem ser anexadas as noções de sequestro, venda e exploração forçada de seres humanos como sendo pilares centrais de sua cultura do período

nórdicos e os povos dominados por eles, como o exemplo apresentado na Inglaterra, ligado aos interesses expansionistas internos de seus reinos.⁹

Outro ponto importante a se sublinhar seria o de que o autor busca fazer uma caracterização da organização política dos povos nórdicos guerreiros do século IX a partir do conceito de organização política e social conhecido como hidrarquia. As invasões nórdicas eram caracterizadas por exércitos de guerreiros formados por vários comandantes, que dominavam grupos de unidades menores, ligados por uma hierarquia interna e redes de fidelidade e apoio mútuo, no qual não havia um poder unificador central ou um “rei dos vikings”, não havia estrutura estatal unificada ou uma organização formal por trás do movimento de expansão.

A terceira parte da obra – *Novos Mundos, Novas Nações* – também é constituído por cinco capítulos, nos quais o autor apresenta a história dos povos nórdicos em meados do século XI, a partir da diversificação do fenômeno viking pelo mundo setentrional, que culminaria em uma revolução urbana das economias escandinavas, a reorganização da área rural, a consolidação do poder real e a crescente influência da fé cristã na vida dos povos nórdicos.

Dando continuidade, é interessante sublinharmos o destaque feito pelo autor sobre a ideia de que, mesmo em momentos posteriores, com a retomada gradual dos territórios anteriormente conquistados pelos nórdicos, podemos observar a manutenção das relações com os povos anteriormente dominados, levando a manipulação de identidades, por meio da criação e uso de novos estilos materiais, tendo como ponto principal a hibridização e a criação de identidades cosmopolitas.

Outro ponto a salientar seria o desenvolvimento dos povoamentos nórdicos localizados no Atlântico Norte. Price assinala o papel da Islândia, que havia sido povoada durante o século IX e, desde então, fora palco de um experimento social oposto ao que estava acontecendo nas terras natais vikings, ligado à expansão dos reis do mar. Ademais, Price aponta para um dos acontecimentos que considera o mais famoso na criação de toda a diáspora viking: o primeiro encontro de povos europeus com a América do Norte; nesse momento, o

⁹ Price dá uma grande ênfase na velocidade e o aumento da intensidade dos ataques nórdicos, que em menos de um século passaram de pequenos ataques sazonais a grandes estratégias de dominação.

autor enfatiza mais detalhadamente como se deu o encontro leste e oeste do mundo, marcado territorialmente pela chegada do povos nórdicos à Vinlândia – “terra das videiras”, nome dado nas sagas à região da América do Norte, devido a descoberta de uvas silvestres.

Em seu último capítulo da obra Price busca finalizar toda sua discussão, demonstrando como o mundo viking chegou ao fim, por meio da formação dos Estados-nação unificados, com seus reis cristãos sancionados pelo poder divino, que transformariam as incursões ao exterior em políticas internacionais, deixando de lado a ambição anterior ligada à pirataria.

Ao final do capítulo, o autor faz uma retomada geral das ideias que já foram apresentadas nos capítulos anteriores, destacando a pluralidade, o multiculturalismo e a tolerância de ideias durante a Era Viking, relacionando isso aos seus diversos contatos com outras civilizações e sociedades. Essa ampla gama de ideias foi um dos fatores cruciais para a estruturação desse período e deixaria marcas registradas até os tempos atuais. Por fim, o autor apresenta um pequeno epílogo, no qual trará uma narração dos fatos previsto de acontecerem no Ragnarok, assinalando o recomeço que virá após o fim do mundo, com um novo primeiro casal: *Líf e Lífthrasir*¹⁰.

Como considerações finais podemos citar que o livro *Vikings: A história definitiva dos povos do Norte* se constitui como uma obra muito importante no estudo dos povos nórdicos, haja visto, o papel fundamental que toda a obra faz de desconstrução dos estereótipos e criações midiáticas em cima dos “povos Vikings”. É interessante observar que o autor, se debruçando de forma significativa sobre as fontes arqueológicas, apresenta de forma muito sistematizada e de fácil entendimento toda a trajetória dos povos do Norte, demonstrando o papel muito importante que essas populações tiveram na transformação político e cultural de todo o território europeu e o processo de hibridização por trás desse encontro com novas culturas.

Um ponto positivo que gostaria de destacar da obra seria a utilização de fontes arqueológicas e do suporte imagético para a estruturação de toda a obra; dessa forma,

¹⁰ Aqui o autor salienta a ideia de que a questão do recomeço após o Ragnarok pode ser um produto da visão bíblica cristã para substituir os múltiplos reinos existentes e destacar a substituição das crenças pré-cristãs com um recomeço, uma possível reescrita medieval da história original.



ajudando a tornar mais fácil a atividade de se transportar para a sociedade nórdica da Era Viking, buscando entender seu funcionamento geral de uma maneira mais elucidativa. Ademais, gostaria de colocar como outro ponto positivo a ampla lista de referências bibliográficas e fontes primárias que o autor assinala ao final do livro, que fornece uma arcabouço teórico a ser utilizado de maneira positiva para leitores que gostariam de se aprofundar mais na temática nórdica

Por fim, podemos ressaltar que o autor faz um trabalho fenomenal, quase que de dissecação dos povos do norte, apresentando desde sua constituição mental, identitária, cosmológica, de gênero, a formação do fenômeno Viking e a diáspora ligada a ele e pôr fim a diversificação do fenômeno pelo mundo setentrional – atrelada à influência cristã. Dessa forma, o autor constrói uma nova imagem do “Viking”, agora sem construções imaginativas, muitas vezes ligadas a visão cristã dominadora, que, por muito tempo, foi a responsável por moldar a visão que o mundo tinha das sociedades escandinavas e dos próprios “Vikings”.